

**Trecho 1:** *“O povo miúdo (camponeses) fazia à sua custa as casas dos senhores (...) fazia todo o povo aos senhores suas sementeiras que se beneficiava delas e colhia em quantidade que 4 bastava a ele e sua casa; e quando havia caça ou pesca, ou era tempo de trazer sal, sempre dava parte ao senhor, porque estas coisas sempre eram feitas em comunidade (...) juntava-se também para a caça (...) e a carne do veado assa em grelhas para que não se altere, e vindo ao povoado faz seus presentes ao senhor e distribui com amigos e o mesmo faz na pesca”.*

Diego de Landa, Relación de las cosas de Yucatán. In: MORLEY, S. G., La Civilización Maya, Fondo de Cultura Económica, p. 200.

**Trecho 2:** *“Ao se casar, cada homem adulto do ayllu [Comunidade patrilinear formada por certo número de famílias extensas que viviam próximo umas das outras e trabalhavam coletivamente] recebia do Sapa Inca [Imperador, Soberano Inca] um pedaço de terra, ou topo, de tamanho apenas suficiente para manter a ele e a esposa[...]O recém-casado, que se tornara proprietário de um topo, era automaticamente registrado como puric, um chefe de família e pagador de impostos, sendo obrigado a trabalhar também nas terras do Estado e nas propriedades do clero.”*

Vidas de duro labor e alegre diversão. In: Civilizações perdidas. Rio de Janeiro: abril, 1998, p. 126

**Trecho 3:** *“Os homens que adentraram as caravelas revelam suas posições ocupadas na Europa e sua sede de status e riquezas. A conquista da América é de fato uma tentativa privada de banqueiros, mercadores e conquistadores, salvos os casos de Colombo e Magalhães, cujas empreitadas foram custeadas pelo Estado. A Igreja, nesse sentido, esteve presente conjugando interesses comuns aos da Coroa. Em seu diário de bordo, Colombo afirma: “do ouro se faz tesouro, e quem o tem faz o que quiser no mundo e até leva as almas para o Paraíso”. Além de em sua fala estar presente a propagação da fé – discurso recorrente – é fundamental considerar o discurso presente no século XVI, na qual o metal justifica a existência da América para os europeus e reforça a engrenagem do Mercantilismo e de suas práticas. ”*

Revista Ameríndia, vol. 12. Dez 2012, pg7.